

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral
Propriedade da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA
www.comunhaolisboa.com

ANO 26

Nº 166

MAIO - JUNHO
2009

Propriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
Calçada do Tojal, 95, s/c 1500-592 Lisboa Telefone : 217 647 441 *	Editorial	2
Director Responsável : Manuela Vasconcelos *	Palavras de Kardec	5
Tiragem : 150 exemplares Distribuição Gratuita *	Perante a Criança	9
Registo nº.211720 Depósito Legal Nº. 13972	Amor, Imbatível Amor	10
	A Lei do Retorno	14
	Acende a Tua Luz!	19
	Teresa de C., Chico do B.	20
	Páginas do Passado	22
	Deficiências	28
	*	

EDITORIAL

No mês de Março passado fomos, todos nós portugueses, tocados pela notícia da morte, em Aveiro, de um bebé de poucos meses, esquecido no carro do progenitor, demasiado preocupado em chegar ao trabalho onde iria ter uma reunião importante. Que de sofrimento o seu, ao constatar a morte do filhinho - o final da sua pressa -, e como a recordação do acontecido o irá acompanhar, dia após dia, até ao terminus da sua reencarnação!

Como é possível, perguntam uns? Ele não gostava do filho, afirmam outros! E, entre questões admirativas que se põem, ou afirmativas de quem não poderá nunca imaginar o sofrimento daquele pai quando colocado perante o acto consumado, perguntamo-nos, sim, a que ponto o *stress* poderá levar qualquer um, perante o que pode e deve fazer para não perder a colocação que lhe garanta um ordenado, por vezes recebido “aos bochechos”, que sirva de alimentação e governo da família constituída.

É muito difícil, nos dias de hoje, manter-se um emprego, sujeitando-se muitas vezes, aqueles que não querem perder o que “ainda” têm, a situações que, em situação normal, não consentiriam que o patronato exigisse... e não podemos atribuir tudo aos Espíritos, como muitos fazem, nem ao karma de cada um. Se nos debruçarmos um pouco sobre as notícias internacionais, tomaremos conhecimento do “caos” que, a este respeito, reina por toda a parte... e entre os que “dão uma palha” por inventarem mil e um artifícios para nada fazer, ombreiam aqueles outros, trabalhadores, honestos, pais/mães de família, que se vêem, de repente, de mãos vazias enquanto os estômagos também vazios dos familiares a seu cargo gritam pela necessidade de uma

alimentação que, pelo menos, lhes vá sustentando o físico já debilitado. A acompanhar este estado deplorável de situações, surgem as doenças: no nosso País, a tuberculose tinha sido irradicada há dezenas de anos atrás e o sanatório do Caramulo, para onde eram canalizados todos esses doentes, foi encerrado, estando hoje transformado em hotel! Actualmente, a mesma doença ressurgiu das cinzas, não por ‘mal curada’, como alguns/muitos afirmam, mas face a diversas outras situações, onde se encontram, no topo da lista, o desemprego, com a fome consequente, logo seguido da droga e do HIV (Sida).

A culpa, dizem alguns, é de quem despede e de quem deixa despedir... mas, não concordamos! A culpa é de quem fica de braços cruzados, porque tem um diploma e não quer sujeitar-se a um cargo de somenos importância; a culpa é de mil e uma justificações de todos aqueles que apesar das necessidades que atravessam, ainda afirmam que não pediram para nascer e, portanto, se assim estão, os pais é que têm obrigação de os sustentarem... e os pais – alguns já velhinhos – vivendo muitas das vezes de uma parca reforma, põem de parte as suas necessidades primeiras, como os medicamentos que os amparam na idade e na falta de saúde que vivem já, para acudir aos filhos que exigem... mas que, quando em boa situação, talvez até se tivessem “esquecido” de melhorarem e ampararem os pais idosos dando-lhes um bem estar maior!

Existe, realmente, na época actual, uma inversão de valores: os dos mais velhos, e os da geração actual. Os primeiros, face aos segundos, são muitas vezes, senão constantemente, acusados de já não saberem viver com as ideias do hoje; as deles, de há muito estão ultrapassadas. Os mais novos, esquecidos da educação e preparação para a Vida, que eles lhes incutiram, revoltam-se contra os avós, revoltam-se contra eles próprios pelo que desejam

e não têm ou perderam e, fracos, procuram refúgio onde ele não devia existir: nas drogas (e o álcool também o é), ou, pior ainda, no suicídio!

Mas, entre a geração mais velha e a actual, existe aquela outra, intermediária – elo de ligação entre uns e outros – que, foi, afinal, quem mais deixou que se perdessem os conceitos transmitidos pela antiga. Confundindo liberdade com libertinagem, entenderam que de tudo deveriam usufruir e, quando pais (que a maioria não o soube ser), reverberam o comportamento dos professores que repreendem e castigam os alunos pela falta de estudo e de respeito; reagem contra os que lhes apontam os erros dos filhos, que no entender de todos (ou quase todos eles) não devem NUNCA ser castigados para não se lhes cortar a personalidade de que dão provas nas manifestações que lhes são observadas... e a “personalidade” vai-se manifestando sempre pior, com aquelas reminiscências da vida (reencarnação) anterior, que deveriam ser debeladas para não se repetirem.

Analisando o comportamento de todos eles, e, principalmente, o sofrimento dos velhinhos tão maltratados no desamor dos seus continuadores, concluímos que o materialismo, baseado num egoísmo sempre maior, está a abafar o conceito de respeito, amor ao próximo, educação – realizações espirituais, em suma!

Então, antes que o caos se torne absolutamente insustentável, há necessidade de que aqueles que não o perderam ainda, sem temores das reacções que surjam face às suas palavras de advertência, não caem o certo quando virem o errado! Há necessidade de que as crianças de hoje comecem a ouvir falar de Deus e da nossa existência espiritual, como nós, os mais velhos escutámos! Há necessidade de se desligar mais vezes, a TV, e no seu lugar acalantar-se a comunicação entre uns e outros; de se

orientarem as crianças para os filmes de violência a que não devem assistir e, até, as horas a que se devem recolher, para que, no dia seguinte, não cheguem às escolas, não para aprenderem mas para dormirem, deitadas nos tampos das carteiras, porque na véspera se deitaram tarde, face ao filme que começou a desoras e elas queriam ver! Há necessidade de que os pais deixem de o ser apenas porque lhes deram a vida física, mas o sejam preparando-os, dia a dia, para um Amanhã diferente daquele que, actualmente, muitos estão a criar... Há necessidade de amor e de confiança entre uns e outros... e não do dinheiro que se entregam aos mais novos, sem a preocupação de se perguntar, depois, em que foi que o gastaram...

Há necessidade, em suma, de pais responsáveis!

A DIRECÇÃO



PALAVRAS DE KARDEC

ESTUDO DA NATUREZA DE CRISTO

III– A Divindade de Cristo é provada pelas suas próprias palavras?

(continuação do capítulo III)

*“Todo aquele, pois, que me confessar diante dos homens,
também eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus;*

“E o que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai, que está nos céus.” (Mateus, X: 32 e 33).

*“Ora, eu vos declaro que todo o que me confessar diante dos homens, também o **Filho do Homem** o confessará ante os **anjos de Deus**;*

*“O que, porém, me negar diante dos homens, também será negado na **presença dos anjos de Deus**.” (Lucas, XII: 8 e 9).*

*“Porque se alguém se envergonhar de mim e das minhas palavras, também o Filho do Homem se envergonhará dele, quando vier na sua magestade, e na **de seu Pai e santos anjos**.” – (Lucas, IX:26).*

Nestas duas últimas passagens, Jesus parece até colocar os santos anjos acima de si, compondo o tribunal celeste, perante o qual ele será o advogado dos bons e o acusador dos maus.

*... “mas pelo que toca a terdes assento à minha mão direita ou à esquerda, **não me pertence a mim o dar-vo-lo**; mas isso é para aqueles para quem está preparado por meu Pai.” (Mateus, XX: 23).*

“E estando junto os fariseus, lhes fez esta pergunta:

“Dizendo: que vos parece a vós do Cristo? De quem é ele filho? Responderam-lhe: de Davi. Jesus lhes replicou: Pois como lhe chama Davi em espírito seu Senhor, dizendo:

“Disse o Senhor ao meu Senhor: Senta-te à minha mão direita, até que eu reduza os teus inimigos a servirem de escabelo de teus

pés? Se, pois, Davi chama o Senhor, como é ele seu filho? (Mateus, XII: 41 a 45).

“E falando Jesus, dizia, ensinando no templo: Como dizem os escribas que o Cristo é filho de Davi?

“Porque o mesmo Davi por boca do Espírito Santo diz: Disse o Senhor ao meu Senhor: Senta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por estrado de teus pés. Pois se o mesmo Davi lhe chama Senhor, como é ele logo seu filho?...” (Marcos, XII: 35 a 37. Vide Lucas, XX: 41 a 44).

Jesus consagra por estas palavras o princípio da diferença hierárquica que existe entre o Pai e o Filho. Podia ele ser filho de Davi por filiação corporal, como descendente da sua raça, e é por isso que pergunta: como o chama ele, em espírito, seu senhor? Se há uma diferença hierárquica entre o Pai e o Filho, Jesus, como filho de Deus, não pode ser igual a Deus. Ele confirma esta interpretação e reconhece a sua inferioridade relativamente a Deus, em termos que não admitem a menor contestação:

“Já tendes ouvido o que eu vos disse: Eu vou, e venho a vós. Se vós me amais, certamente haveis de folgar que eu vá para o Pai, porque o Pai é maior do que eu.” (João, XVI: 28).

*“Eis que chegando-se a ele um, lhe disse: Bom mestre, que obras devo eu fazer para alcançar a vida eterna? Jesus lhe respondeu: Porque me perguntas tu o que é bom? **Bom só Deus o é.** Porém, se tu queres entrar na vida, guarda os mandamentos.”* (Mateus, XII: 16 e 17. Vide Marcos, X: 17 e 18; Lucas, XVIII, 18 e 19).

Não somente Jesus nunca se deu por igual a Deus: mas até afirma aqui o contrário muito positivamente, declarando-se inferior a ele em bondade. Ora, declarar que Deus é superior a ele em poder e em qualidades morais, é confessar que não é Deus.

As seguintes passagens, tão explícitas como aquelas, vêm corroborá-las:

“Porque eu não falo de mim mesmo; mas o Pai que me enviou é o mesmo que me prescreveu pelo seu mandamento o que eu devo dizer e o que devo falar;

“E eu sei que o seu mandamento é a vida eterna. Assim que, o que eu digo, digo-o segundo mo disse o Pai.” (João, XII: 49 e 50).

“Respondeu-lhe Jesus, e disse: A minha doutrina não é minha, mas d’Aquele que me enviou.

“Se alguém quiser fazer a vontade de Deus, reconhecerá se a minha doutrina vem dele, ou se eu falo de mim mesmo. O que fala de si mesmo busca a própria glória; mas aquele que busca a glória de quem o enviou, esse é verdadeiro, e não há nele a injustiça.” (João, VII: 16, 17 e 18).

“O que me ama não guarda as minhas palavras. E a palavra que vós tendes ouvido não é minha, mas sim do Pai que me enviou.” (João, XIV: 24).

“Não credes que eu estou no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo, não as digo por mim mesmo; mas o Pai, que está em mim, esse é que faz as obras.” (João, XIV: 10).

(Continua no próximo número)

(In: OBRAS PÓSTUMAS, ed. Lake, 1ª Parte).

PERANTE A CRIANÇA

“Deixai vir a mim os pequeninos, e não os impeçais, porque deles é o reino de Deus.
JESUS – (Lucas, 18:16).

Ver no coração infantil o esboço da geração próxima, procurando ampará-lo em todas as direcções. ***Orientação da infância, profilaxia do futuro.***

Solidarizar-se com os movimentos que digam respeito à assistência à criança, melhorando métodos e ampliando tarefas. ***Educar os pequeninos é sublimar a Humanidade.***

Colaborar decididamente na recuperação das crianças desajustadas e enfermas, pugnando pela diminuição da mortalidade infantil. ***Na meninice corpórea, o Espírito encontra ensejo de renovar as bases da própria vida.***

Os pais espíritas podem e devem matricular os filhos nas escolas de moral espírita cristã, para que os companheiros recém-encarnados possam iniciar com segurança a nova experiência terrena. ***Os pais respondem espiritualmente como cicerones dos que ressurgem no educandário da carne.***

Distribuir incessantemente as obras infantis da literatura espírita, de autores encarnados e desencarnados, colaborando de modo efectivo na implantação essencial da Verdade Eterna. ***O livro edificante vacina a mente infantil contra o mal.***

Observar quando se deve ou não conduzir as crianças a reuniões doutrinárias. ***A ordem significa artigo de lei para toda a idade.***

Eximir-se de prometer, às crianças que estudam, quaisquer prémios ou dádivas como compensação ou (falso) estímulo pelo êxito que venham a atingir no aproveitamento escolar, para não viciar-lhes a mente. ***A noção de responsabilidade nos deveres mínimos é o ponto de partida para o cumprimento das grandes obrigações.***

Não permitir que as crianças participem de reuniões ou festas que lhes conspurquem os sentimentos, e, em nenhuma oportunidade, oferecer-lhes presentes susceptíveis de incentivar-lhes qualquer atitude agressiva ou belicosa, tanto em brinquedos quanto em publicações. ***A criança sofre de maneira profunda a influência do meio.***

Furtar-se de incrementar o desenvolvimento de faculdades mediúnicas em crianças, nem lhes permitir a presença em actividades de assistência a desencarnados, ainda mesmo quando elas apresentem perturbações de origem mediúnica, circunstância esta em que devem receber auxílio através da oração e do passe magnético. ***Somente, pouco a pouco, o Espírito se vai inteirando das realidades da encarnação.***

Em toda a divulgação, certame ou empreendimento doutrinário, não esquecer a posição singular da educação da infância na Seara do Espiritismo, criando secções e programas dedicados à criança em particular. ***Sem boa semente não há boa colheita.***

ANDRÉ LUIZ

(In : CONDUTA ESPÍRITA, psicografia de Waldo Vieira. Os destaques são nossos).

AMOR, IMBATÍVEL AMOR

Em trecho de uma belíssima mensagem de Joanna de Ângelis, psicografada por Divaldo Franco, em Londres, na Inglaterra, no dia 4 de Junho de 2004 e publicada na Revista da FEB ‘O REFORMADOR’ do mês de Maio de 2005, nas páginas 8 e 9, intitulada *Sacrifício e Amor*, a nobre Mentora, do alcandorado pedestal de sua singular percuciência e sensibilidade, afirma:

“(...) Quando se ama, nada constitui esforço, sofrimento, sacrifício.

O amor é tão rico de carinho e de bênçãos que se multiplica à medida que se oferece, jamais diminuindo de intensidade quanto mais se distribui. (Destaque do autor do artigo).

“Invariavelmente, as criaturas consideram-no uma operação de reciprocidade, mediante a qual, a permuta de sentimentos faz-se estímulo para o seu prosseguimento.

“De alguma forma, porém, essa expressão de amor não deixa de ser o início do processo que levará à sublimação do querer e do doar.

“Saindo do instinto, que é todo posse, matriz do egoísmo perturbador, aformoseia-se com a experiência afectiva, agigantando-se e tornando-se maior na proporção da abnegação e do devotamento de que se faz portador.

“O amor nunca se exalta, nem reclama, porque é fonte de compreensão, nada obstante, também de educação das emoções, do comportamento, da vida.

“O Mestre sempre ensinava, e o clímax dessas lições é a Sua crucificação, mediante a qual, na expressão de tragédia, atrairia todos a Ele.

“O ser humano, infelizmente, ainda necessita do espectáculo ou terapia de choque, de modo a despertar do letargo a que se entrega.

“Isto ocorre em todos os campos do relacionamento social.

“Quando os factos transcorrem naturais e sem comoção, não se tornam de aceitação imediata, pacífica e penetrante. No entanto, quando produzem impacto, sensação peculiar, despertam interesse, discussão e aceitação na maioria das vezes.

“Eis porque, embora seja o amor a fonte inexaurível de enriquecimento, o progresso do ser como indivíduo e da sociedade como organismo colectivo tem sido mediante a dor, especialmente estabelecida pelos testemunhos que são considerados sacrifícios do prazer e do gozo imediato.

“Dessa forma, a ideia vigente é de que a suprema doação do Mestre seria sempre um sacrifício em favor dos Seus afeiçoados, quando, diferindo do convencional, o Seu exemplo de enriquecimento é um convite à reflexão. Se ele, que não tinha culpa, foi conduzido ao máximo de entrega, é natural que as criaturas, caracterizadas pelas cargas emocionais de desequilíbrio e de culpa, não se possam considerar excepção, eximindo-se ao padecimento purificador.

“N’Ele temos a oferenda de ternura e de alegria, embora as excruciantes aflições que padeceu, confirmando a Sua procedência de enviado de Deus, o Messias que as tormentosas condições israelitas se negavam a aceitar.

“Na sua desenfreada alucinação pelo poder e dominação pelo orgulho, mediante o qual a *raça eleita* governaria o mundo dos *gentios*, era muito difícil aceitar aquele *Rei* especial, sem trono nem exército homicida, sem áulicos com trombetas nem embaixadores soberbos precedendo-o.

“Como o seu reino não era deste mundo, os ministros e servidores não se apresentavam visíveis senão, à semelhança de João Batista, o *Percursor*, ou dos profetas que vieram bem antes d’Ele e foram, uns ridicularizados, outros perseguidos, outros mortos...

“Aprende a renunciar aos pequenos apegos, crescendo na direcção da superação dos tormentosos desejos, os de grande porte, em homenagem à tua auto-iluminação, à tua ascensão.

“É sempre necessário morrer, a fim de viver em plenitude.

“Tem como exemplo Jesus em todas as situações, e se amas, tudo quanto ofereças, não constitua sacrifício nem sofrimento, antes mensagem de alegria e de paz.”

Lembra-nos Clara Lila Gonzalez de Araújo, em artigo inserto na página seguinte da mesma revista, que o sentimento do amor analisado pelo Espírito Lázaro, em sua mensagem no capítulo XI de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, é a expressão da *doutrina de Jesus toda inteira*, alertando-nos para que possamos compreendê-lo, vivenciando-o, não como o *amor no sentido vulgar do termo, mas esse sol interior que condensa e reúne em seu ardente foco todas as aspirações e todas as revelações sobre-humanas*, extinguindo as misérias sociais e estimulando-nos a amar com amplo amor nossos irmãos em sofrimento. Mas o amor potencial, que há na essência de cada um de nós, se desenvolve igualmente em todos os seres?

O amor, certamente, não deixa de desenvolver-se sem cessar em todas as criaturas, mas algumas amarão de forma diferente, pois, conforme Angel Aguero (1976), filósofo espírita, *a diversidade de graus no desenvolvimento espiritual dos seres é*

que produz manifestações tão diametralmente opostas de um mesmo sentimento. Assim, o ódio, a inveja, o ciúme e outros vícios e defeitos, que são expressões negativas do amor, podem significar manifestações vivas deste para aqueles que ainda não compreenderam o que seja o verdadeiro sentimento do amor.

Na concepção do Espírito Fénelon, o amor deve manifestar-se por meio *da caridade, da humildade, da paciência, do devotamento, da abnegação, da resignação e do sacrifício.*

Mas, este último item (sacrifício), conforme muito bem o colocou a Nobre Mentora de Divaldo Franco, desintegra-se ao calor do vero amor, visto que *“quando se ama, nada constitui esforço, sofrimento, sacrifício.”*

ROGÉRIO COELHO
(Muriaé – MG – Brasil)

A LEI DO RETORNO

... ou LEI DE CAUSA E EFEITO, de que Jesus já nos falava há 2000 anos atrás (dois mil anos e mais alguns), e que justifica, em grande parte, a razão dos nossos sofrimentos e doenças actuais. E, esta Lei, Divina, leva-nos à raiz da questão: - *Porque sofremos?*

Cada um de nós, mais ou menos marcado pela dor a que não consegue fugir muitas das vezes, revolta-se – quando não procura no suicídio o terminus desse mesmo sofrimento – ignorando que está **apenas** aumentando a sua carga, porque *a morte não existe* e nós continuamos a ter e a viver, depois de por ela passarmos, o

mesmo sofrimento que vivíamos quando encarnados, acumulado pelo do acto tresloucado com que procurámos por-lhe fim, porque, queiramos ou não, **a vida contínua**, tanto para os que se acreditam Espíritos eternos como para os que pensam ser a morte o fim de tudo!

Quando ‘descobrimos’ a Doutrina Espírita, encontrámos nela um manancial de revelações que nos deram a perceber o quê e o porquê de tudo o que nos foi acontecendo ao longo desta existência... o mesmo sucedendo com todos os outros que sobre ela se debruçam, na ânsia de encontrarem o ‘chavão’ que lhes abra a porta encerrada da paz que não conquistaram ainda.

Mas a Doutrina Espírita não é estática: ela ensina-nos que cada um deve trabalhar pelo seu próprio melhoramento, para conquista da evolução espiritual que, quando alcançada, nos dará o estatuto de espíritos puros – e que ninguém se pense incapaz de o conquistar porquanto Jesus – Ele mesmo – nos esclareceu: - *Vós sois deuses e tudo aquilo que Eu faço, vós o podereis fazer também e muito mais!*

Imperfeitos que nós éramos – como somos ainda, embora talvez, um pouquinho melhores – a afirmativa do Divino Amigo é o incentivo a que todos nós nos agarramos quando concluímos que a nossa paz, consequência da nossa melhoria espiritual, apenas se poderá conquistar através da **reforma íntima**, estando nela incluída, igualmente, a manifestação totalmente vivenciada do **amor ao próximo**.

Parece difícil, quando pensamos em começá-la... mas, como em tudo, o difícil é sempre o principiar; depois, verificando a facilidade com que se iniciaram “os primeiros passos”, dispomo-nos a continuar, todos os dias um bocadinho... enquanto Jesus –

ainda Ele – nos avisa de que **tudo tem de ser pago, até ao último ceutil!**

Este conhecimento que vai sendo adquirido, faz com que muitos desistam de frequentar o Centro Espírita ou de ler os livros da Doutrina, pensando que, se o fizerem, deixam de ser responsáveis, porque, afinal, não são espíritas! Mas esquecem que o conhecimento já chegou até eles, esquecem das advertências de que tomaram conhecimento, e nada mais será como antes, a menos que se conduzam de tal maneira que **até o pouco que têm lhes será tirado**, não em função de Deus nos tirar o que nos tenha concedido, mas antes porque nós mesmos, *“pródigos e descuidados, não sabemos conservar o que temos e multiplicar, fecundando-a, a migalha caída no nosso coração”*, como nos esclarece Um Espírito Amigo, em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo XVIII, nº 15. E essa migalha, aqui, é esse mesmo conhecimento que, posto em prática no dia a dia de cada um, lhes evitará muitas quedas e erros...

... e não nos desculpemos com “o castigo de Deus”, porque Deus é Amor, Misericórdia e Bondade infinitas: somos nós próprios, espíritos eternos, que sem o corpo carnal que possuímos quando na Terra, somos nós próprios que postos perante a *realidade do nosso comportamento*, escolhemos ou programamos o que deveremos viver na reencarnação imediata para repararmos o que fizemos de errado anteriormente!

No nº. 10 do capítulo V de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, “Bem Aventurados os Aflitos”, lemos:

“Os Espíritos não podem aspirar à felicidade perfeita senão quando puros: toda e qualquer mácula veda-lhes o acesso nos mundos ditosos. O mesmo acontece com os passageiros de um

navio infestado pela peste: proíbe-se-lhes a entrada na cidade até que estejam purificados. Os Espíritos despojam-se pouco a pouco de suas imperfeições nas várias existências físicas. As provas da vida aperfeiçoam quando bem suportadas; como expiação apagam as faltas e purificam; são o remédio que limpa as chagas e cura o enfermo; quanto mais grave é o mal, tanto mais activo deve ser o remédio. O que muito sofre deve compreender que muito tinha a expiar e alegrar-se pela cura rápida; dele depende tornar proveitoso esse sofrimento, pela resignação que soube ter, não perdendo os seus frutos com as suas impaciências, visto que, do contrário teria de enfrentar um recomeço.”

E porque, realmente, a reforma íntima está intimamente entrelaçada com a lei do amor ao próximo, e as duas activam para melhor ou pior a Lei de Causa e Efeito, se queremos ser felizes e saudáveis temos, unicamente, que nos auto-vigiarmos para nos melhorarmos e melhorarmos o nosso relacionamento com o nosso próximo... e como em tudo o resto, essa felicidade depende, unicamente, de nós!

Lembramos, também, neste instante, a afirmativa daqueles outros que encolhem os ombros a todas as advertências que lhes chegam e concluem – como se tivessem feito uma descoberta maravilhosa – “se sou eterno, então tenho muito tempo para me modificar: agora, vou gozar a vida, que é o que me interessa!” Mas as consequências do “gozar a vida” não ficam pendentes, sem data marcada para a reparação do que, entretanto, se for fazendo de menos bom: elas activam sempre a Lei do Retorno e, senão na mesma encarnação, como nas imediatas, cada um irá *colhendo conforme tiver semeado*, porque, **a sementeira é livre, mas a colheita obrigatória.**

Procuramos, então, viver melhor, não em função dos bens materiais que são dispensáveis muitas vezes, e não se podem transportar connosco quando deixarmos a Terra, mas em busca de um AMANHÃ melhor, mais ou menos distante para cada um de nós, mas que será sempre como o tivermos antecipadamente preparado com a nossa conduta de HOJE.

Afinal, será que não estamos ainda cansados de tanto sofrer? Que cada um responda por si!

MANUELA VASCONCELOS



Todos os Espíritos, reencarnando no planeta, trazem consigo a ideia de Deus, identificando-se de modo geral nesse sagrado princípio. Os cultos terrestres, porém, são exteriorizações desse princípio divino, dentro do mundo convencional, depreendendo-se daí que a Verdade é uma só, e que as seitas terrestres são materiais de experiência e de evolução, dependendo a preferência de cada um do estado evolutivo em que se encontra no aprendizado da existência humana, e salientando-se que a escolha está sempre de pleno acordo com o seu estado íntimo, seja na viciosa tendência de repousar nas ilusões do culto externo seja pelo esforço sincero de evoluir, na pesquisa incessante da edificação divina. – EMMANUEL - (*O Consolador, questão 296, médium Francisco C. Xavier, ed. FEB*).



.....

ACENDE A TUA LUZ!

Acende a Luz do Amor na tua Alma
E espanta as trevas do egoísmo que pouco
A pouco busca degenerar a humanidade.

Acende a Luz do Perdão e deixa que a da tua
Alma irradie doces ondas reconciliatórias,
Desarticulando planos hediondos de
Desestruturação daqueles que devem
Marchar unidos na construção
Do bem na Terra.

Acende a Luz da Caridade em teu Espírito,
De forma a brilharem as estrelas da esperança
Na densa noite dos tempos.

Recorda sempre, principalmente nos
Momentos de testemunhos e lutas,
De abrir-se à luz de Deus, que é o único
Combustível capaz de manter sempre
Acesa a luz da tua fé.

Segue, pois, confiante, na certeza de que
Deus te guia pelos caminhos de Jesus.

Se acenderes a tua luz interior,
Verás que não segues a sós,
Nem tão pouco na escuridão.

(Poema sem rima, de autor desconhecido, recebido via Internet)

TERESA DE CALCUTÁ, CHICO DO BRASIL...

Ambos nasceram em 1910, ela, Teresa, de Calcutá, ele, Chico, de Pedro Leopoldo. Ela uma mulher valente; ele, um homem corajoso. Ela, católica; ele, espírita; no entanto, portavam-se ambos como verdadeiros integrantes da família universal. Tinham muito mais em comum do que apenas o ano de nascimento. Seguiam o mesmo professor: Jesus; tinham o mesmo sobrenome: amor; viveram para o mesmo objectivo: servir.

Ela recebeu o Prémio Nobel da Paz; ele viveu pacificamente toda a vida.

Teresa de Calcutá viveu para os menos favorecidos; queria ser pobre; nunca conseguiu. Seu coração transbordava riquezas: a nobreza da generosidade, as pérolas da fraternidade, os diamantes da solidariedade. Dizia Teresa, em toda a sua simplicidade, que a felicidade humana é impossível de ser mensurada. Como controlar em planilhas estatísticas a felicidade de um faminto que encontra o alimento? Teresa tinha razão. Impossível mensurar a felicidade humana. Por isso trabalhava sem estatísticas, mas em prol da felicidade e dignidade de seus irmãos de caminhada.

Chico Xavier, o Chico de Pedro Leopoldo, o Chico do Brasil, o Mineiro do Século, também queria ser pobre, sem sucesso. Doou os direitos autorais de seus mais de quatrocentos livros psicografados, que venderam e vendem milhares de exemplares em todo o mundo. Poderia ter polpuda conta bancária, no entanto preferiu a simplicidade, mas nunca foi pobre; sua vida foi repleta de amigos dos dois planos. Chico era e será, onde estiver, um milionário, um magnata das letras, um ícone da humildade, um pobre das moedas, mas rico de amor...

Assim eram Teresa e Chico... franzinos, fisicamente, mas colossais espiritualmente. Narram as páginas da literatura que, quem se aproximava de Teresa, a Madre Teresa de Calcutá, não conseguia conter a emoção, devido à irradiação de sua serenidade e sua intensa energia espiritual.

O que a literatura diz de Teresa, se reafirma com Chico. Aqueles que gozaram de sua convivência afirmam que sua presença iluminava, acalmava, tranquilizava...

Chico e Teresa, Teresa e Chico... É como se falássemos de amigos: “Ói, Teresa! Bom dia, Chico!” Embora não os tenha conhecido, falar deles, de suas conquistas, realizações e aventuras, é como falar de amigos, porque com os amigos não há barreiras, não há inquietações, inexistem constrangimentos. Os amigos deixam-nos à vontade. Sinto-me, pois, à vontade para escrever sobre Teresa e Chico, os quais considero amigos – amigos do mundo, dos ricos, dos pobres, dos brasileiros, indianos, nigerianos, amigos de todos...

Teresa e Chico, Chico e Teresa – duas figuras que praticavam o Amor, deixaram marcas inesquecíveis e indelévels a convidarem-nos para, dentro de nossas possibilidades obviamente, vivermos como eles, servindo e amando para a construção de um mundo fraterno e justo.

Pensem nisto!

WELLINGTON BALBO
(Bauru – SP – Brasil)

(In: JORNAL DA MEDIUNIDADE, Uberaba, Minas Gerais, nº 14, de Novembro/Dezembro/2009)

PÁGINAS DO PASSADO

PALAVRAS DIVINAS

(Duma Escritura arcaica)

A luz daquele dia prolongou-se além do ocaso, iluminando com o seu fulgor os mais vigilantes píncaros, dando a impressão que a Noite escutava dos vales o Dia das Montanhas.

Oh!, sim. Está escrito que a Noite esteve entre os ouvintes como celestial donzela extasiada de amor, cujos cabelos entrançados eram as nuvens ondulantes; as brilhantes estrelas, as pérolas e os diamantes da sua coroa; a luz o seu diadema; e as trevas densas o tecido dos seus vestidos. O seu alento reprimido passava através dos prados enquanto prêgava nosso Senhor; e quantos o escutavam, estrangeiros e escravos, de alta ou baixa categoria, os da cidade ou da aldeia, todos julgavam ouvir a língua da sua terra natal.

E além daquela multidão de grandes e pequenos que se reuniram nas margens do rio, está escrito que quadrúpedes, aves e répteis sentiram O Onnipotente Amor e recolheram as promessas da sua compassiva palavra, de modo que as suas vidas, presas na forma de um macaco, de um tigre, um gamo, um urso de pêlo hirsuto, um chacal, um milhafre devorador, uma pomba cinzenta, um pavão ataviado com a sua rica plumagem, um achapado lagarto, uma pintada serpente, um morcego e até o peixe que fende as ondas fluviais, tocaram suavemente as bordas da fraternidade

com os homens, menos inocentes do que eles, e com muita alegria souberam que estavam quebradas as algemas da escravatura.

- Não meças com palavras o Incomensurável, não lances a sonda do pensamento no Insondável. Quem pergunta, erra. Quem responde, erra. Não diz nada!

Ensinam os livros que as trevas eram no princípio e que o Senhor meditava solitário naquela Noite. Não procureis aí o Senhor nem o Princípio! Olhos mortais não podem vê-LO nem a Ele nem a nenhuma luz, nem a mente humana é capaz de conceber-LO. Levantará um véu após outro véu, porém encontrará sempre outro véu.

Os astros rolam e não perguntam.

Basta que a vida e a morte, a alegria e a dor subsistam, assim como a causa e o efeito, o curso do tempo e o incessante fluxo e refluxo da Existência que, sempre variável, desliza como um rio cujas ondas lentas ou rápidas se sucedem sendo as mesmas, mas sempre distintas, desde a longínqua origem até ao mar onde vão desaguar. O sol evapora o mar e restitui-lhe as perdidas ondas na forma de veladas nuvens que gotejarão pelos montes para volverem depois sem paz nem tréguas.

Isto basta para se conhecer como ilusórios são os céus, as terras, os mundos e as mudanças que os alteram em potente roda de lutas e violências cujo torvelinho nada pode deter nem inverter.

Não supliqueis, porque não se iluminarão as trevas. Não peçais nada ao Silêncio porque mudo está. Não atormenteis os vossos tristes ânimos com piedosos sofrimentos. Ah! Irmãos e irmãs! Nada espereis dos espíritos superiores oferecendo-lhes risos ou

dádivas. Não pretendais suborná-los com cruentos sacrifícios nem com magníficos dons. Devemos buscar a libertação por nós mesmos. Cada qual fabrica o seu cárcere. Cada qual tem tanto poder como os mais poderosos. Porque assim para as Potestades que estão acima, em volta e por baixo de nós, como para toda a carne e para toda a vida, a acção engendra gozo e dor. Do que foi deriva o que é e o que será, pior ou melhor. O último para o primeiro e o primeiro para o último.

Os anjos do céu cobiçam o fruto dum bendito passado. Os demónios no inferno sofrem a pena das más acções que noutro tempo praticaram. Nada perdura. Também os vícios imundos se purificam. Quem sofreu na escravidão pode ser mais tarde um príncipe pelas suas benéficas virtudes e méritos adquiridos, enquanto que quem foi rei pode vagabundear pelo mundo por causa do que fez ou deixou de fazer. Podeis elevar o vosso destino ao mais alto píncaro das situações terrenas ou torná-lo mais insignificante que o dum verme da terra. Miríades de existências terminam sendo excelsas e miríades de outras sendo degradadas. Porém, enquanto gira a roda invisível, não há paz, nem tréguas, nem descanso. O que sobe pode cair; o que cai pode subir. Os raios da roda não cessam de girar.

Se estivesseis sujeitos fatalmente à roda da mutação, sem meio de poderdes quebrar as cadeias, seria vergastar o coração do ilimitado Ser e a alma das coisas sofreria uma cruel dor. Mas não estais presos.

Suave é a alma das coisas e celeste paz se aninha no coração do Ser. A vontade é mais forte que a dor. O bom muda-se em melhor e o melhor em óptimo.

Eu, que derramei todas as lágrimas dos meus irmãos; eu, cujo coração foi quebrado pela dor do mundo inteiro, sorrio e sou feliz, porque consegui a libertação!

Vós que sofreis, sabeis que é porque quereis que sofreis. Ninguém vos excita à vida nem nela vos retêm condenados à morte girando sobre a roda e abraçando os seus raios de agonia, o seu mar de lágrimas, a sua imensa vaidade. Escutai-me. Vou mostrar-vos a Verdade!

Mais fundo do que o inferno, mais alto do que o céu, brilham as mais longínquas estrelas, *mais para além da morada de Deus existe um poder estável e divino, existente antes do princípio e que não terá fim*, eterno como o tempo, seguro como a certeza, que impele para o bem e só é súbdito das próprias leis. Ao seu aceno, florescem as roseiras. As suas mãos modelam as pétalas dos lótus; no chão obscuro e nas silenciosas sementes tece as galas da Primavera; o seu pincel irisa as nuvens, e na cauda do pavão engasta as suas esmeraldas, as estrelas são os seus postilhões e o relâmpago, o vento e a chuva seus escravos, trabalha nas trevas o coração do homem e na obscuridade do ovo o faisão de pintalgado colo. Sempre activo, transmuta em amor a ira e a destruição.

Os seus tesouros são os ovos cinzentos no ninho do colibri dourado, as células hexagonais das abelhas com as suas redomas de mel; a formiga obedece às suas ordens, e a pomba branca também as conhece. Solta as asas de águia cada vez que volta ao ninho trazendo a presa; conduz a loba junto dos filhos e amigos junto dos seres desvalidos. Nada lhe repugna nem o detém. Enche os peitos maternos de alvo leite, e de mortífera peçonha os colminhos da serpente. Harmoniza no interminável céu a suave música das móveis esferas; e nos abismosos seios da terra esconde o ouro, o ónix, as safiras e os lázulis. Envolto perpetuamente no

mistério oculta-se nas verdejantes clareiras dos bosques e alimenta junto dos cedros admiráveis, plantas com novas flores, rebentos e ervas. Mata e salva sem outro fim que não seja o cumprimento do destino. O Amor e a Vida são os fios e a Morte e a Dor as lançadeiras do seu tear. Faz, desfaz, e tudo emenda. O que faz excede sempre o que fez. Lentamente se aperfeiçoa nas suas mãos a esplêndida obra que projectou. O seu trabalho está em quanto vedes. Porém, as coisas invisíveis ainda são maiores. O coração e o espírito do homem, os pensamentos, vontades e conduta da gente estão também sujeitos à grande Lei. Ainda que invisível, auxilia-nos com as suas benéficas mãos. Não o ouvis e contudo a sua voz é mais alta que o fragor da tempestade. A Piedade e o Amor são património porque um prolongado esforço moldou a cega matéria.

Ninguém é capaz de enganar este Poder. Quem lhe desobedece, perde. Quem o serve, ganha. Com a paz e a ventura recompensa a bondade oculta. Com o sofrimento castiga a maldade escondida. Tudo vê e de tudo se defende. Praticai a justiça e recompensar-vos-à. Se obrais iniquamente, dar-vos-à a merecida paga, ainda que o *Dever* se demore. Não conhece a ira nem o perdão. São exactas as suas medidas, infalíveis as suas balanças. O tempo não é nada para ele. Julgará amanhã mesmo ou muito tempo depois. Por sua virtude se fere o assassino com as suas próprias armas; o juiz iníquo perde a defesa; a língua mentirosa condena a própria mentira; o ladrão e o espoliador devolvem o que tiraram. Tal é a Lei que se orienta na rectidão, que ninguém pode desviar nem deter. A sua essência é Amor, o seu fim Paz e completa Perfeição. Obedecei-lhe! Bem dizem as Escrituras, meus irmãos: Cada vida do homem é o resultado das suas vidas precedentes. Os passados erros engendram tristeza e sofrimento. A passada rectidão aproxima a felicidade. Olheis o que tiverdes semeado. Vede esses campos! Se semeais joio, nasce joio, se semeais trigo, nasce trigo. O Silêncio e a Sombra sabem-no.

Assim nasce o destino do homem. Vem à vida, colhe o que semeou, joio ou trigo, ou peçonhentas e adventícias ervas que o corrompem e com ele à terra doente. Mas se lavar bem a terra e, em vez de ervas daninhas, semear sementes sãs, fértil, formoso e puro será o solo e ótima a colheita. Aprende-se qual é a causa da dor e suporta-se pacientemente fazendo esforço para pagar as dívidas contraídas pelas faltas passadas, sempre fiel ao Amor e à Verdade; limpa-se o sangue da mentira e da concupiscência, e, sem agravar ninguém, sofre-se tudo mansamente, perdendo as ofensas e devolvendo bem por mal; se dia após dia se é compassivo, santo, justo, amável e sincero, e se arranca o desejo onde quer que ele se agarre com sangrentas raízes, até extinguir todo o apego à vida; se assim se procede, ao morrer ter-se-à pago a conta da vida tendo saldado todos os débitos, e acrescentando e vivificando os créditos recentes ou antigos que darão frutífero rendimento.

Quem obra assim não necessita do que chamais vida. Cumpriu o seu destino humano. Realizou o propósito que o fez homem. Já não será torturado pela ansiedade nem o macularão os pecados, nem os gozos e penas mundanas perturbarão a sua perpétua paz, nem tornarão para ele vidas nem mortes. Entra no céu. Uniu-se com a vida e contudo não vive. É feliz porque deixou de existir.

A gota de orvalho perde-se no deslumbrante mar.

Entrai no Caminho! Não há dor mais amarga do que o Ódio, nem sofrimento como o da Paixão, nem engano como o da Sensualidade. Entrai no Caminho! Muito adiantado está já quem espezinha o seu principal vício. Entrai no Caminho!

Manam ali as salutíferas fontes que apagam toda a sede. Ali florescem as flores que não murcham e que alegremente atapetam todos os caminhos. Ali passam as horas mais alegres e mais felizes.

MARIA O'NEILL

(In: REVISTA DE ESPIRITISMO da F.E.P., nº. 5, de Setembro/Outubro de 1930).

*

DEFICIÊNCIAS

Deficiente é aquele que não consegue modificar a sua vida, aceitando as imposições de outras pessoas ou da sociedade em que vive, sem consciência de que é dono do seu destino;

Louco é quem não procura ser feliz com o que possui;

Cego é aquele que não vê o seu próximo morrer de frio, de fome, de miséria, e só tem olhos para os seus;

Surdo é aquele que não tem tempo de ouvir um desabafo de um amigo ou o apelo de um irmão. Pois está sempre apressado para o trabalho e quer garantir seus tostões no fim do mês;

Mudo é aquele que não consegue falar o que sente e se esconde por trás da máscara da hipocrisia;

Paralítico é quem não consegue andar na direcção daqueles que precisam de sua ajuda;

Diabético é quem não consegue ser doce.

Anão é quem não sabe deixar o amor crescer. E, finalmente, a pior das deficiências, é ser miserável, pois

Miseráveis são todos os que não conseguem falar com Deus.

MÁRIO QUINTANA

(escritor gaúcho, brasileiro, já desencarnado)